



Resenha

Resenha de
“Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano”

DOI: 10.12957/ek.2021.60454

Tiago Rodrigues Moreira¹

Universidade Estadual de Campinas

tiagoufyjm@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1307-4602>

Felipe Costa Aguiar²

Universidade Federal Fluminense

felipeaguiar@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-6563-4763>

Resenha crítica e bibliográfica de:

MARANDOLA JR, E. *Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano*. São Paulo: Editora Unesp, 2021. 154p.

Essa obra da qual temos o prazer em resenhar nos brinda com sua originalidade, sensibilidade e esmero de uma escrita serena gestada pelos tons de lusco-fusco oriundos da situacionalidade de um pensamento noturno, aquele em que a consciência se expande e a imaginação transpõe a razão. Um vocativo alimentado por anos de estudo, vivência e dedicação. Destacamos que esse livro é resultado da tese de livre-docência na área do Núcleo Básico Comum, na disciplina Sociedade e Ambiente, na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) apresentada em 2016.

A tônica do pensamento de Eduardo Marandola Jr. em “*Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano*”, acreditamos repousar no que ele destaca como “vulnerabilização dos seres-em-situação”. Sendo assim, a facticidade do ser que se projeta, inalienavelmente, às situações de finitude, resiliência e identidade. A partir dessa

¹ Licenciado em Geografia pela UFVJM e Mestrando no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (FCA-Unicamp).

² Licenciado em Geografia pela UFF e Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes.

situação de vulnerabilidade, o autor visa subsidiar um pensamento experiencial dos fenômenos contemporâneos circunstanciados como facticidade do ser-em-situação na Terra, ou seja, como condição política do existir.

Com o intuito de trazer à baila certa proximidade com o modo ordinário dos fenômenos tidos comumente como “questões ambientais” aparecerem, o autor inclinou-se para fazer o uso de crônicas. Um caminho assertivo e minimamente pensado com destreza, pois, a cada situação narrada em maneira de crônica, sentimos proximidade com os lugares narrados e as pessoas que, sendo-em-situação, os experienciam. Assim, em cada crônica há um esforço de nomeação e um zelo pelo tempo da história do ser-no-mundo, bem como pelos lugares em que essa história se faz mundo.

As crônicas de Marandola Jr. nos colocam em posição de tremor, estranhamento e de balanço. A cada página lida, sensivelmente, nos sentimos mais agarrados à Terra num sentido heideggeriano de habitar a quadratura, de modo que cada lugar narrado na obra desvela a condição situada da existência mundana por meio das circunstancialidades do próprio habitar. Nesse incessante movimento de habitar, construir e pensar é que o fazer do autor se torna um fazer situado e, portanto, geográfico.

Nas doze páginas destinada ao prefácio, Oswaldo Bueno Amorim Filho aplaude a obra em questão e eleva ainda mais a pertinência do tema e da maestria como Marandola Jr. explana seus pensamentos. Amorim Filho, salienta a importância de se meandrar pelos “círculos de afinidades”, conceito elaborado por Vincent Berdoulay (2017). Afirmar Amorim Filho, que o autor pertence a uma categoria especial dos geógrafos, onde a sua postura intelectual se encontra na posição de *aller-retour*, esse ir e vir intelectual que tanto nos é caro para a geografia e filosofia, haja vista as problematizações circunscritas pelo autor, que são temas fulcrais e precisos na filosofia são deslindados com uma delicadeza e maturidade exponencial na geografia.

Baseando-se nas fenomenologias e na hermenêutica, há no fazer-geográfico do autor uma preocupação eminente com as mudanças climáticas e uma latente procura por compreender os dinamismos urbanos e suas manifestações no habitar. Há também uma busca hermenêutica pelo solo latino, pelos poros exalados de uma existência que vive à soleira. Para isso, não se limitando a ele, no entanto, se resvalando por ele, destacamos a presença da fenomenologia de Martin Heidegger como modo de escrita, ou antes, como

modos de fazer-geográfico do autor. A espessura heideggeriana emergida nas páginas que seguem o livro se mesclam e maturam de uma maneira cordial.

O autor, a partir dos modos de pensar diurno e noturno, se inspira em Gaston Bachelard para promover a abertura de pensamento por meio das crônicas que, como circunstâncias de lugar, revelam as agruras de cada tempo. Compondo assim, suas preocupações que ladeiam tanto as circunstancialidades atreladas à geograficidade (ligação visceral do homem com a Terra), quanto sua investigação epistemológica como fundação de um fazer-geográfico de base fenomenológica e, portanto, hermenêutica.

Além desses pontos relevantes, as crônicas em questão, possuem em sua base um requinte de inacabamento que se manifestam como possibilidade de abertura, de vazão e dinamicidade dada pelo próprio curso existente da vida. Apreciamos a sutileza que o autor narra seu encontro com o noturno, a noite como manifestação de mistérios. Podemos aludir que Marandola Jr. espera na noite o movimento de seus pensamentos que vagueiam e tomam formas de palavras e frases. O noturno enquanto pensamento reverbera os momentos de expansão da experiência, os resguardam com o silêncio e o recolhimento para um repouso angustiante.

É notória a tensão existente entre as luzes e a escuridão, mas como Marandola Jr. deixa claro, elas não são antagônicas e sim manifestações fenomênicas múltiplas. A ideia é que possamos deixar de lado a luz da razão e a certeza de um conhecimento enrijecido e nos abirmos para as fosforescências do noturno, aquelas formas de pensar que não respeitam a lógica imposta pelo padrão de razão, mas se desvelam pela linguagem da própria situação de ser-no-mundo e existir em quadratura.

As crônicas redigidas pelo autor “se o chão treme”, “se a chuva leva tudo”, “se não tem água na torneira”, “se o lugar é apenas a casa”, “se a barragem estoura” se inscrevem em situações das quais se abrem para as possibilidades de descrição das fenomenalidades ocorridas em algum determinado lugar.

As descrições feitas pelo autor emanam da situacionalidade vivida por ele ao perceber que “questões ambientais” mais se aproximavam da “vulnerabilização dos seres-em-situação”, do que de um conceito científico abstrato. Nas crônicas descritas, os seres-em-situação estão fadados ao risco, o que ocorre é a iminência de uma existência soterrada, estremecida, seca, alagada. Cada situação conta de alguém que teria vivido os dramas de perdas ou soterramentos, isto é, reflexos da própria crise existencial.

Uma pergunta nos evoca ao fazermos a leitura atenta da obra, que pode esse livro contribuir para os estudos em Fenomenologia e Hermenêutica na América Latina?

Em fenomenologia, podemos dizer que um dos movimentos de contribuição é travado no/do/pelo caminho lavrado pelas crônicas que, por meio do desvelamento da experiência de habitar a terra em quadratura, contam sobre a historicidade da existência mundana, de modo que a reflexão se dê a partir do próprio habitar.

Marandola Jr. aposta no caminho enquanto postura epistemológica, lavrando a fenomenologia do ser-situado a partir da descrição de experiências de um verão tropical urbano, tracejando o fazer-geográfico com base nas fenomenologias e na hermenêutica da facticidade do ser à medida que seu modo de fazer geografia parte sempre das fenomenologias do lugar, possibilitando a manifestação autêntica dos fenômenos lugarizados.

Esse geográfico que salientamos aqui, se manifesta como expressão do ser-em-situação que se lança no mundo. Mais que isso, a fenomenologia que o autor esboça, nos remete a um pensamento orientado para a possibilidade de abertura da quadratura, isto é, o todo relacional onde Ser se reconhece como tal e, num movimento de compreensão existencial prática hermenêutica, pois toda fenomenologia, no sentido que o autor expõe, não só envolve uma compreensão do fenômeno interrogado, mas também do caminho a ser percorrido para que a interrogação feita seja explicitada fenomenologicamente.

Diante disso, no que se refere à hermenêutica na América Latina, cremos que as próprias crônicas sustentam a emergência das experiências do ser latino americano que habita um verão tropical urbano. Até porque, as crônicas do autor são situacionalmente circunscritas em solo latino (Londrina-PR, Bento Rodrigues-MG, Fundão-MG, Piracicaba-SP, Limeira-SP, Riachão do Jacuípe-BA, Jaguaquara-BA) e desvelam a própria relação do habitar, isto é, uma ligação intrínseca com o lugar.

A obra em questão nos encaminha para um pensamento ético e responsável de ser-estar-em-situação. Tendo assim, a responsabilidade de uma compreensão ambiental fundada na nossa condição existencial de ser-no-mundo e ser-com o Outro. Nesse sentido, as crônicas sobre as enchentes, sobre os estouros das barragens, sobre as secas ou sobre os tremores de terra situam o *Dasein* no mundo com os Outros (*Mitsein*), na constante relação de ser-com, provocando o olhar de um para a vulnerabilidade vivida pelo Outro e vice-versa.

As fenomenologias e a hermenêutica, por meio dessa obra, não são utilizadas como métodos de análise de situações de vulnerabilidade. Pelo contrário, são modos de aproximação da alteridade e do sofrimento de outrem que, ocasionalmente, pela temática da obra, se desvela nas questões pertinentes à vulnerabilidade e na necessidade de escuta, cuidado, respeito, conectividade e abertura para o outro.

Balizamos que, o que temos aqui é uma obra capital para os estudiosos que buscam pluralidade acadêmica. Não queremos fincá-la em uma disciplina ou mais, haja vista que acreditamos que esse não fora o intuito do autor. Por isso, alegamos que esse testemunho se coloca na possibilidade de abertura para infinitos campos possíveis de compreensão do fenômeno vulnerabilidade. Uma obra a qual se sustenta pelo tamanho de sua abrangência epistemológica, baseada nas fenomenologias e sua intimidade com os seres-em-situação e, portanto, com a própria hermenêutica da facticidade do ser.

Referências bibliográficas

BERDOULAY, V. *A Escola francesa de geografia: uma abordagem contextual*. Trad. O. B. Amorim Filho. São Paulo: Perspectiva, 2017.

Recebido em: 15/06/2021 | Aprovado em: 16/07/2021

